

Regresso ao Paraíso

Depois da fúria dos «Desencantados», que levou à Malaposta, Ricardo Paula explora, em «Eclipse Azul», a beleza e sensualidade do corpo feminino. A ver, só até amanhã, na galeria Movimento Arte Contemporânea, em Lisboa

Texto José Mário Silva

Movimento Arte Contemporânea

Hoje, das 12 às 20 horas;
amanhã, das 15 às 19 horas

Há não muito tempo, falámos nesta página da exposição «Desencantados», um conjunto de telas que Ricardo Paula apresentou no Centro Cultural da Malaposta, provocando em quem a visitava o efeito de um soco no estômago. Estava ali, chapado, o que há de mais vil e bárbaro na civilização dita moderna. Ali, no espaço circular de uma sala, no microcosmos de uma experiência artística, o pintor concentrou todos os defeitos, todas as raivas, todos os ódios. Fez com que a ira explodisse à flor da tela, no meio de uma névoa acastanhada. E assegurou-se de que os estilhaços entravam mesmo dentro de nós, magoando-nos e forçando-nos a reagir àquela realidade brutal.

Lembro-me de reflectir, à saída da mostra, sobre os dilemas que decerto martirizariam Ricardo Paula naquele momento, diante da tela em branco. Após semelhante descida ao Inferno, seria possível voltar atrás? Não estaria o pintor condenado a criar ambientes de perfídia, personagens desumanos, monstros? As respostas chegaram logo depois, quase sem transição. Ainda os quadros da Malaposta estavam patentes ao público e já o artista inaugurava nova mostra, desta vez no centro de Lisboa.

Se o título escolhido prenunciava logo muitas diferenças («Eclipse Azul» é bastante mais poético e vago do que «Desencantados»), a visita ao espaço acolhedor da galeria Movimento Arte Contemporânea



MULHER. Os corpos femininos são uma espécie de «leitmotiv» nestas telas de Ricardo Paula

encarregou-se de mostrar à evidência que eram outros os cenários e os ambientes. Ou seja, depois de uma passagem pela aspereza do mundo real, Ricardo Paula decidiu

voar para a esfera do sonho. Depois da tal descida ao Inferno, a única saída que encontrou foi o regresso ao Paraíso. E o Paraíso, para ele, é um espaço volúvel que se organiza

em torno da mais perfeita das formas: o corpo feminino. Atente-se nas 15 telas agora apresentadas e percebe-se onde quero chegar. Todas representam, embora de for-

mas diversas, um louvor à mulher e à sua sensualidade.

Ocupando o centro da composição, as figuras femininas emergem de cenários indefinidos, como se do mundo só devessemos reter o contorno da anca ou a curva de um seio. «Quero deixar espaço à imaginação de quem vê, fazer com que as pessoas completem as obras, sejam co-autores dos quadros», confessa Ricardo Paula. E acrescenta: «As acções não têm local, cabe a quem observa inventá-lo». Isto embora existam, para o artista, cenários concretos onde as «coisas aconteceram». São praias e campos que aparecem em fotografias do catálogo (tiradas entre 1970 e 1997), pontes possíveis para a leitura destes quadros — a imagem de uma escada em espiral, por exemplo, terá alguma coisa a ver com os turbilhões de «Caleidoscópico I» e «Caleidoscópico II»?

Certezas, só uma: o Ricardo Paula que pintou «Eclipse Azul», em busca do etéreo, não é o mesmo que assinou o desafio agreste dos «Desencantados». O artista, no entanto, nega a existência de duas fases distintas no interior da mesma obra: «Ainda não tenho idade para me delimitar em períodos». E se a afirmação se percebe, num pintor que ainda está na casa dos 30 anos (nasceu em 1964), não faltará muito para que faça sentido, caso se mantenha o seu ritmo de trabalho. «Pinto todos os dias, como quem vai para o emprego. E é dessa entrega permanente, até à exaustão, que nasce o melhor do que faço». Quem vir esta mostra ficará a saber que o melhor, em Ricardo Paula, é sempre muito.